

*“Em busca...” da história  
da circulação das ficções de grande consumo*



*Fantômas. Capa (1911).*

*Loïc Artiaga*

Doutor em História Cultural pelo Centre d’Histoire Culturelle des Sociétés Contemporaines da Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines (CHCSC-UVSQ). Professor (mestre em conferências) da Faculté de Sciences et Techniques da Université de Limoges. Autor, entre outros livros, de *Le roman populaire (1836-1960): des premiers feuillets aux adaptations télévisuelles*. Paris: Autrement, 2008. loic.artiaga@unilim.fr

## **“Em busca...”\* da história da circulação das ficções de grande consumo\*\***

*“À la recherche...” of a circulation history in high demand fictions*

*Loïc Artiaga*

*Tradução: Maria Lucia Dias Mendes\*\*\**

### **RESUMO**

A história literária tem sido longamente marcada pela primazia da escala nacional, engessada pelo peso do conceito de construção de “comunidades imaginadas” difundido por Benedict Anderson. Essa perspectiva tem frequentemente levado a negligenciar o aspecto internacional de um comércio do livro que responde, todavia, às mesmas lógicas de expansão capitalista de outros mercados. Tal crescimento do perímetro de estudo obriga a atingir um “além do texto”, mobilizar arquivos inéditos, mas também forjar novas ferramentas. A ambição “globalizante” da história da edição pode aqui achar relações e ressonâncias no estudo das circulações das mídias para ultrapassar o quadro das monografias ou das histórias cruzadas e colocar em pauta processos complexos, oferecer visões globais das mobilidades literárias e ampliar a singularidade de tempo e espaço que ela considera. Com esse objetivo, analisamos em termos quantitativos e qualitativos a trajetória de duas obras literárias ao longo do século XX: o romance seriado popular *Fantômas* e o romance canônico *Du côté de chez Swann*.

**PALAVRAS-CHAVE:** cultura midiática; cultura popular; história global.

### **ABSTRACT**

*Literary history has long been marked by its national scale, stiffened by the weight of constructing «imagined communities», concept disseminated by Benedict Anderson. This perspective has often led to neglecting the international aspect of a book trade that, nevertheless, follows the same logic of capitalistic expansion as other markets. Widening of the study scope, we moved “beyond the text”, onto unpublished archives, but also onto designing new tools. The “globalizing” ambition of the history of publishing can be associated with the study of media circulation in order to go beyond monographs or intercrossed histories, and put complex processes on the agenda, provide overviews of literary mobilities, and extend the singularity of time and space it tackles. For this purpose, we analyze both quantitatively and qualitatively the trajectory of two literary works throughout the twentieth century: the popular novel series *Fantômas* and the canonical novel *Du côté de chez Swann*.*

**KEYWORDS:** media culture; popular culture; world history.

\* N. da E: o título original faz um trocadilho com o nome de uma das obras do *corpus* do autor, *À la recherche du temps perdu*, de Marcel Proust.

\*\* Esta pesquisa foi desenvolvida dentro do projeto Visualizing European crime fiction: new digital tools and approaches to the study of transnational popular culture (Belfast, Debrecen, Limoges). Agradeço a Karin Gundersen, Magdalena Novotno, Panagiotis Poulos e Sündüz Kasar, que aceitaram me transmitir as informações bibliográficas sobre as traduções da obra *Em busca do tempo perdido* pelo mundo.

\*\*\* Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do Departamento de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). mldm@uol.com.br



Atualmente, muitos exploram uma vertente aberta pelas primeiras gerações da Escola dos Annales: a de uma história com vocação mundial ou “global”, ocupando-se agora de todos os objetos, inclusive da litera-

tura. Interessar-se pelas “origens” dos fenômenos compreendidos como contemporâneos é, bem entendido, insinuar formas de continuidade e falar na realidade de um tempo posterior. William McNeil, um dos pioneiros da *World History*, confessa retrospectivamente um pecado original: se nos anos de 1960 ele escreveu *The rise of the West*, em que se esforçava para explicar as influências que as diferentes civilizações teriam tido uma sobre as outras, foi porque ele buscava os antecedentes históricos do apogeu da hegemonia estadunidense.<sup>1</sup> Trabalhar com essas questões, motivado pela intenção de compreender a globalização da cultura, de mostrar as ligações que podem unir por meio das obras e de sua circulação diferentes continentes encobre a evidência de numerosos perigos. Pode-se, além disso, fazer verdadeiramente uma “história mundo” da literatura na época contemporânea? Não somos, como o sugere Emily Apter, pegos de imediato por nosso eurocentrismo, que às vezes guia a escolha dos nossos objetos e também os conceitos a partir dos quais nós os compreendemos?<sup>2</sup> Como apreender, além do texto, os múltiplos processos de transformações e de reapropriações das obras caracterizadas por uma grande circulação?

Consciente desses limites, pensamos ser necessário reler o importante estudo de Pascale Casanova, *La République mondiale des lettres*, a partir do qual continuam a se definir aqueles pesquisadores que tentam a aventura de uma aproximação mundial dos fenômenos literários. A autora, nessa obra, estende a noção de campo literário para o globo, mostrando um espaço onde arte e política estão intimamente misturados, um espaço de lutas simbólicas, com os centros (as metrópoles ocidentais) e as periferias.<sup>3</sup> Contudo, excluindo a dimensão econômica desses fenômenos, Pascale Casanova oculta a natureza mercantil dos produtos culturais; focalizando os autores e as correntes que “revolucionam” o campo literário, leva em conta apenas uma parte reduzida das ficções e esquece sobretudo das produções de destinação “populares” (quer dizer, que visam o povo), que mantêm relações bem diferentes, mais complexas, com a questão da representação de uma cultura nacional. Estas últimas, marcadas por uma natureza mais “plástica”, não participam da grande batalha das formas literárias. Ainda menino, estudante da efêmera república da Áustria, Eric Hobsbawm se deleita com leituras das

*aventuras em livro de bolso de detetives com invariáveis nomes ingleses [...] como Sherlock Holmes, o detetive mundial – sem conexão com o original – Sexton Blake, Frank Allen, o Avenger of the Disinherited e o mais popular de todos, o detetive berlinense Tom Shark, com seu assistente Pitt Strong, que atuava fora da Motzstrasse, familiar aos leitores de Christopher Isherwood, mas tão remota para os meninos vienenses quanto a Baker Street de Holmes.*<sup>4</sup>

Salvo Sexton Blake, que os amantes das narrativas policiais lembram como o Sherlock dos pobres, nenhuma das obras citadas aqui é conhecida fora dos círculos reduzidos dos colecionadores. Mesmo o Holmes lido pelo jovem Hobsbawm, fruto da contrafação ativa do editor berlinense Butsch, não conseguiu atravessar o século XX, vencido pela sombra do “verdadeiro” hóspede de Baker Street.

Partindo de duas obras que podemos considerar, de pontos de vista diametralmente opostos, entre as mais marcantes na história cultural francesa e europeia nos anos de 1911-1913, propomos aqui refletir sobre a questão da circulação das obras de ficção no espaço e no tempo, procurando

<sup>1</sup> MCNEILL, William. *The rise of the West: A History of Human Community* [epub]. Chicago/Londres: The University of Chicago Press, 1991 [1963], *The rise of the West after Twenty-five years*.

<sup>2</sup> APTER, Emily. *Against World Literature*. Londres/New York: Verso, 2013.

<sup>3</sup> CASANOVA, Pascale. *La République mondiale des Lettres*. Paris: Editions du Seuil, 1999.

<sup>4</sup> Ver cap. 2 de HOBBSAWM, Eric. *Interesting Times: a Twentieth-Century Life* [epub]. New York: Pantheon Books, 2003.

<sup>5</sup> Sobre essas questões, ver ARTIAGA, Loïc. *Matthieu Le-tourneux. Fantômas ! Biographie d'un criminel imaginaire*. Paris : Les Praires ordinaires, 2013.



Figura 1. *Capa de Fantômas*, edição francesa, 1911. Fonte: coleção particular.

cartografar o fenômeno e explicar os contextos, os ritmos e os mecanismos da canonização das obras e os de seu esquecimento. De um lado escolhemos *Fantômas*, de Pierre Souvestre e Marcel Allain, e, do outro, *Du côté de chez Swann*, de Marcel Proust, a obra popular e efêmera por excelência e aquela que está entre as mais estudadas atualmente.

Essas duas obras são “marcantes” cada uma a seu modo. A primeira põe em cena um “gênio do crime” mascarado, percorrendo o mundo e cujas aventuras reciclam uma grande parte dos *faits divers* da época.<sup>5</sup> A segunda, que abre *La recherche du temps perdu*, repousa sobre a introspecção, as lembranças da infância e os desejos de viagem contrariados do narrador. *Fantômas* faz parte dos grandes sucessos de seu tempo, com tiragens recordes acumuladas que ultrapassam os 800 mil exemplares na França, multiplicados pelas numerosas traduções e adaptações. Atualmente, é pouco conhecida pelo mundo, mesmo entre as elites francófilas. O exame da imprensa mundial nos anos de 1910 prova, entretanto, que em diferentes pontos do globo, em Paris, em Moscou, em Buenos Aires, em Bombai, sua circulação era conhecida, discutida, comentada. Tratando-se de *Swann*, somente mais tarde, depois de 1919 e da obtenção do prêmio Goncourt, que a ascensão mundial da *Recherche* realmente se inicia e que a história literária passa a preservá-la como a obra-prima emblemática da Belle Époque.



Figura 2. *Du côté de chez Swann*, manuscrito. Fonte: gallica.bnf.fr/Bibliothèque nationale de France

## Nascimento de um mercado transnacional da ficção

Para compreender os fatores envolvidos tanto na criação como na difusão da ficção impressa, é necessário remontar às etapas anteriores da História da Imprensa, a qual, “desde a origem, [...] apareceu como uma indústria regida pelas mesmas leis que as outras indústrias, e o livro, como uma mercadoria que os homens fabricam sobretudo para ganhar suas vidas – mesmo quando, como os Alde e os Estienne, eram ao mesmo tempo humanistas e sábios”.<sup>6</sup> Duas necessidades pesam desde a época moderna sobre o comércio da impressão: a intervenção de um terceiro nome, um mediador capitalista, que frequentemente escolhe os textos para editar e se encarrega de escoar a produção, e a busca de uma circulação espacialmente estendida, para atingir os leitores então reduzidos e dispersos.

Esse contexto modela a geografia particular da imprensa, marcada pela sua proximidade com os lugares de poder, os capitais intelectuais e os centros econômicos. O efeito combinado da ascensão dos regimes democráticos – que liberam a circulação de impressos e mantêm a alfabetização das populações, as conquistas coloniais e a aceleração sem precedentes do comércio mundial modificam no século XIX as condições dessa circulação. Os países europeus, assim como os Estados Unidos e o Japão, forjam várias

<sup>6</sup> FEBVRE, Lucien e JEAN-MARTIN, Henri. *L'Apparition du livre*. Paris : Albin Michel, 1958.

<sup>7</sup> Nota da T.: *étalon-or*: padrão-ouro, lastro.

<sup>8</sup> BARBIER, Frédéric. Les marchés étrangers et la librairie française. In : *Histoire de l'édition française, tome III. Le temps des éditeurs*. Paris : Promodis, 1985.

<sup>9</sup> Ver BARBIER, Frédéric. *L'Empire du livre: le livre imprimé et la construction de l'Allemagne contemporaine 1815-1914*. Paris: les Éditions du Cerf, 1995.

<sup>10</sup> JURT, Joseph. Le champ littéraire entre la dimension nationale et transnationale. In : SAPIRO, Gisèle (dir.). *L'espace intellectuel en Europe: de la formation des États-nations à la mondialisation, XIX<sup>e</sup>-XXI<sup>e</sup> siècle*. Paris: La Découverte, 2009.

<sup>11</sup> WEEDON, Alexis. *Victorian publishing: the economics of book production for a mass market, 1836-1916*. Aldershot : Ashgate, 2003, p. 34 e 35.

<sup>12</sup> PONCIONI, Claudia. Hommes, livres, techniques et idées : parcours France-Brésil, 1840-1846. *Colóquio A circulação transatlântica dos impressos*. ECA-USP, ago. 2012. Disponível em [http://www.iel.unicamp.br/coloquio/files/CLAUDIA\\_PONCIONI\\_fra.pdf](http://www.iel.unicamp.br/coloquio/files/CLAUDIA_PONCIONI_fra.pdf). Acesso em 1. set. 2013.

<sup>13</sup> BARBIER, Frédéric. *L'Empire du livre, op. cit.*, p. 275.

<sup>14</sup> BARBIER, Frédéric. Les marchés étrangers et la librairie française, *op. cit.*

zonas de influência, abarcando impérios formais, que colonizam e administram, e impérios informais, sobre os quais eles exercem uma dominação menos direta, como a América Latina ou a China. Uma gigantesca mudança de escala está então em curso, em um mundo que se prepara para acolher a expansão do romance. Entre 1800 e 1840, o comércio mundial dobrou. Entre 1850 e 1870, aumenta em 160%, antes mesmo da instauração de sua padronização<sup>7\*</sup> (1871). Na França, a exportação de livros, compatibilizada em toneladas pelas alfândegas, fixa uma progressão rápida, de 2000 a 4700 entre 1860 a 1890. A cifra, que representa o equivalente da massa de mais de 15 milhões de livros de bolso atualmente, permanece constante até as vésperas da Primeira Guerra Mundial.<sup>8</sup> Os editores alemães vêem, por seu turno, suas exportações multiplicarem por 23 entre 1832 e 1914, uma progressão que se apoia sobretudo em obras populares.<sup>9</sup> De maneira geral, são as ficções que se beneficiam dessa circulação; na Alemanha, em 1927, 71% das publicações são traduções de ficção.<sup>10</sup>

Portanto, é falso considerar que o mercado internacional do livro se desenvolve depois do mercado nacional e enganoso distinguir o esforço político da construção interna de uma literatura nacional e o esforço econômico de maximizar a circulação. Os progressos do mercado do livro se fazem ao sabor da extensão das esferas da circulação, e a Europa e o Mediterrâneo não se constituem mais como os únicos mercados visados pelos editores do velho continente. A crise que afeta uma parte da edição europeia nos anos de 1890 favorece os olhares interessados em se voltar para os novos mercados de ultramar. Os editores já estão fixados ali, modificando suficientemente o equilíbrio entre o Velho Continente e o resto do mundo para que a parte que cabia ao Reino Unido na produção de volumes em inglês caia de 50% em 1800-1809 para 41% em 1860-1869.<sup>11</sup> A amplitude do império e das colônias de povoamento explica essas especificidades inglesas. Mas os trabalhos sobre os espaços extra-europeus mostram que bem cedo outras comunidades expatriadas exercem o papel de agentes de difusão. No Brasil, o livro francês é presente desse modo desde o século XVIII e contribui no século seguinte para transformar a Província do Recife em um laboratório de inovações políticas e sociais.<sup>12</sup> Na Costa Leste dos Estados Unidos, a diáspora alemã fez nascer, a partir dos anos 1830, um verdadeiro comércio de livros de língua alemã tão vigoroso que inquieta os próprios editores alemães.<sup>13</sup> Um trabalho de acordos e regulamentação permite recuperar progressivamente os polos tradicionais da contrafação (Países Baixos, Suíça, sul da Alemanha, Bélgica). Processo que é coroado em 1886 com a assinatura da convenção internacional da propriedade literária e artística, em Berna, no modelo da Convenção de Paris de 1883 para a propriedade industrial. “Ferramenta da velha Europa para conservar a sua secular supremacia no domínio da edição”, foi completada pela sucessão de acordos bilaterais, particularmente na América do Sul.<sup>14</sup> Assinalamos, aqui, que se o livro pode ser submetido à contrafação é que, como salienta o *Dictionnaire de l'Académie française* desde 1762 ou o *Webster* estadunidense cinquenta anos mais tarde, ele compartilha da mesma natureza do objeto negociável como os “tecidos”, as “moedas”, as “notas” falsificadas – e outros exemplos citados na definição do termo dadas pelos dois dicionários. Inscrito no sistema mercantil, o livro é produzido em série e reproduzível, identificado por um valor financeiro que lhe é sistematicamente fixado.

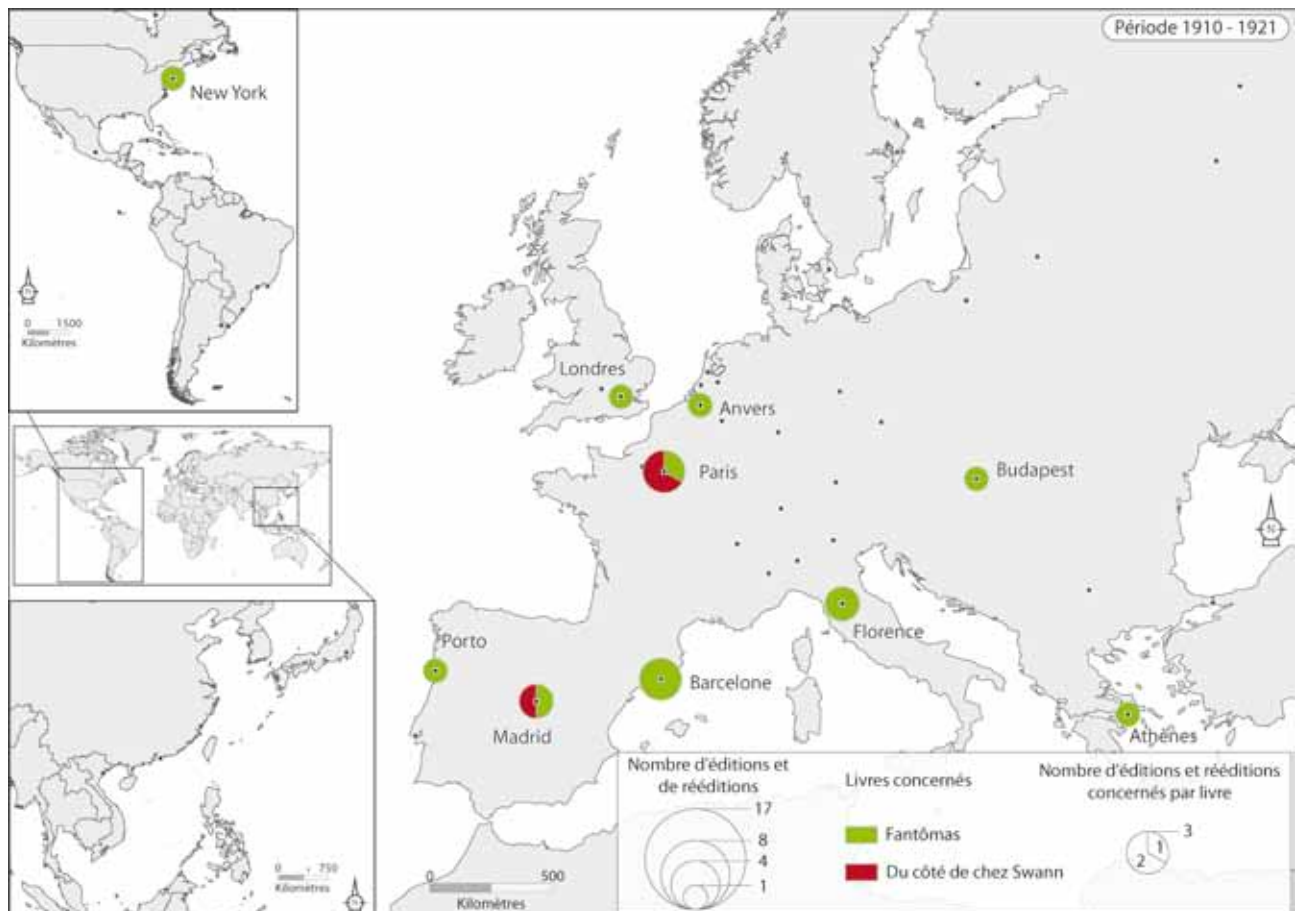


## O tempo curto do popular

As pesquisas sobre as trocas culturais e sobre as questões ligadas à hegemonia focalizam, em geral, a força simbólica das produções culturais legítimas: a vontade de reconhecimento das produções exógenas nas metrópoles, o mercado de arte etc. É esquecer que a dominação ocidental não impõe a si própria nenhum limite formal e que, bem ao contrário, ela invade os objetos cotidianos<sup>15</sup>, alimentando um discurso social suficientemente coerente para ligar o conjunto da imprensa, os romances ou as canções produzidas simultaneamente. Acima de tudo, o capitalismo da edição dá à luz a ficções prontas para a difusão simultânea pelo mundo, pois elas respondem aos *standards* de recepção em vias de uniformização, apesar das barreiras de língua. Assim, as estruturas narrativas do *Fantômas*, emprestadas do romance de ação anglo-saxão e no imaginário urbano tornam a obra de Pierre Souvestre e Marcel Allain acessível ao leitorado disseminado por outros espaços. Assim sendo, *Fantômas* pode se prestar a uma autêntica difusão mundial e transmidiática, cujos mapas acima ilustram a celeridade.

A partir dos dados bibliográficos apresentados em catálogos informatizados das bibliotecas nacionais e universitárias, completados e corrigidos a partir de uma coleta de arquivos editoriais (para *Fantômas*) e de verificações na bibliografia erudita (para *Swann*), tentamos localizar as traduções das duas obras estudadas.

<sup>15</sup> Ver especialmente MAC-KENZIE, John MacDonald. *Propaganda and Empire: the manipulation of British Public Opinion, 1880-1960*. Manchester: Manchester University Press, 1984.



Mapa 1. A difusão de *Fantômas* e de *Du côté de chez Swann*, por meio das edições originais e suas traduções em volumes (1911-1921)

<sup>16</sup> BEAUZÉE, Nicolas. Tradução. *Encyclopédie ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*, 1765. Disponível em <[http://portail.atilf.fr/cgi-bin/getobject\\_?p.124:26./var/artfla/encyclopedie/textdata/image/](http://portail.atilf.fr/cgi-bin/getobject_?p.124:26./var/artfla/encyclopedie/textdata/image/)>. Acesso em 1. set. 2013.

<sup>17</sup> Extraits de la conférence de M. Yodono sur Marcel Proust. *Bulletin de la Société des amis de Marcel Proust et des amis de Combray*, 1959, p. 24-28.

<sup>18</sup> *Times of India*, 16 maio 1925.

<sup>19</sup> Ver CRAIG, Herbert E. *Marcel Proust and Spanish America: from critical response to narrative dialogue*. Lewisburg: Bucknell University Press, 2002.

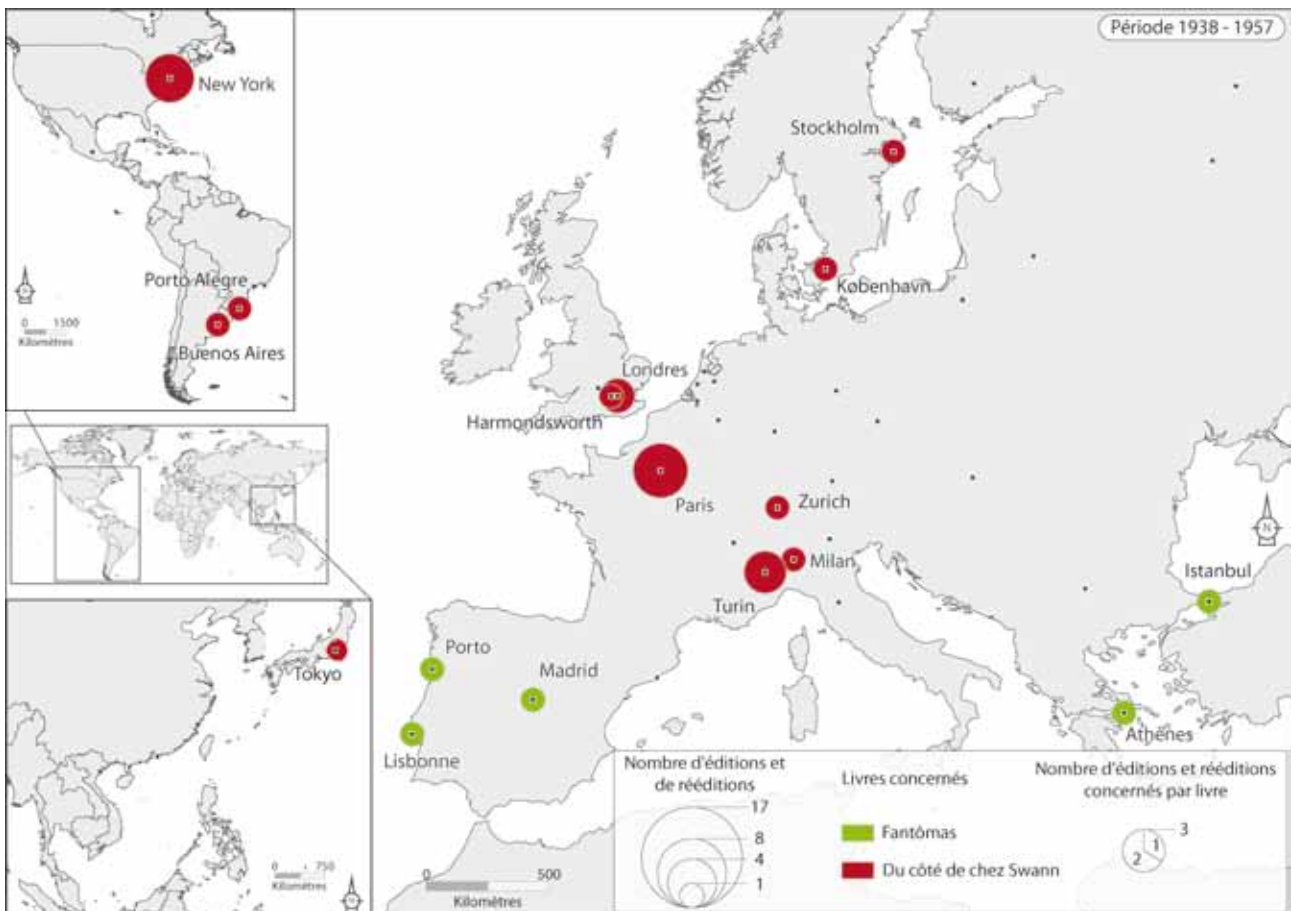
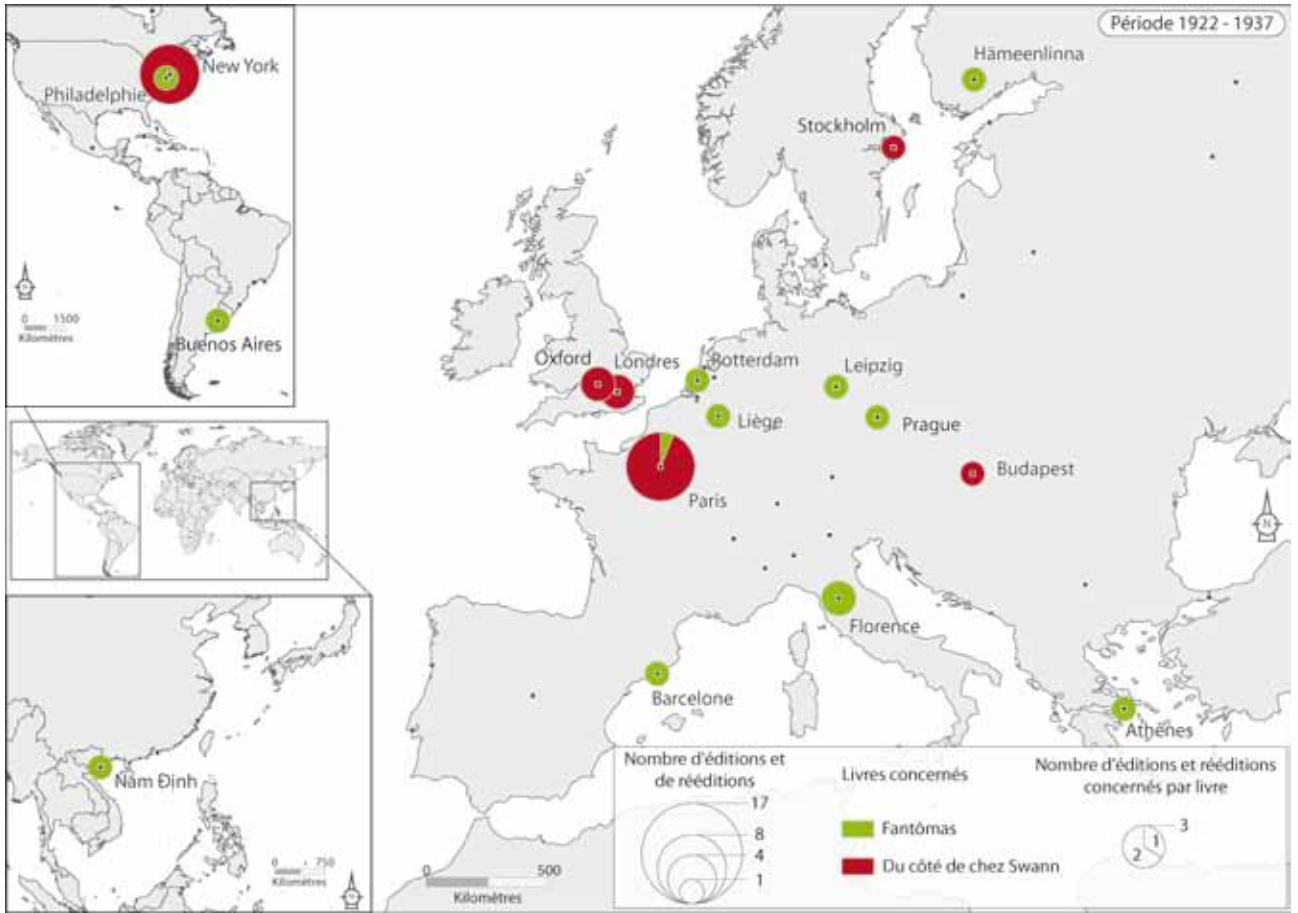
O mapa 1 põe em destaque a circulação rápida que atinge a difusão pelo mundo de uma obra popular. *Fantômas* se difunde antes de 1921 em um largo espaço europeu, mas também em Nova Iorque, onde são retomadas as obras traduzidas na Grã Bretanha. Essa circulação acelerada se apoia na vontade de tirar maior proveito do sucesso constatado na França. A questão da qualidade das traduções nunca é evocada na correspondência dos autores com os editores no estrangeiro. *Fantômas* participa das produções literárias que quebram um tabu, todavia fundamental no mundo das Letras desde a época da Luzes, o do respeito à *forma* inicial desejada pelo autor. “Nada é mais difícil, por certo”, lembra a *Encyclopédie*, “& nada é mais raro do que uma excelente *tradução*, pois nada é mais difícil ou mais raro do que manter um equilíbrio, um bom termo, entre a licença do comentário & a servidão da letra. Um apego muito escrupuloso à letra, destrói o espírito, & é o espírito que dá a vida: liberdade demais destrói os traços característicos do original, e se faz uma cópia infiel”.<sup>16</sup> Marcel Proust, traduzido em extratos em certas revistas conhece também as mudanças de suporte. Eles não comprometem, contudo, o projeto literário do autor. Assim, no Japão, um círculo de tradutores exigentes se reúne a partir de 1929. Eles confrontam e melhoram suas versões, apesar da traição presumida do espírito do autor ter conduzido um deles a queimar seu próprio manuscrito.<sup>17</sup>

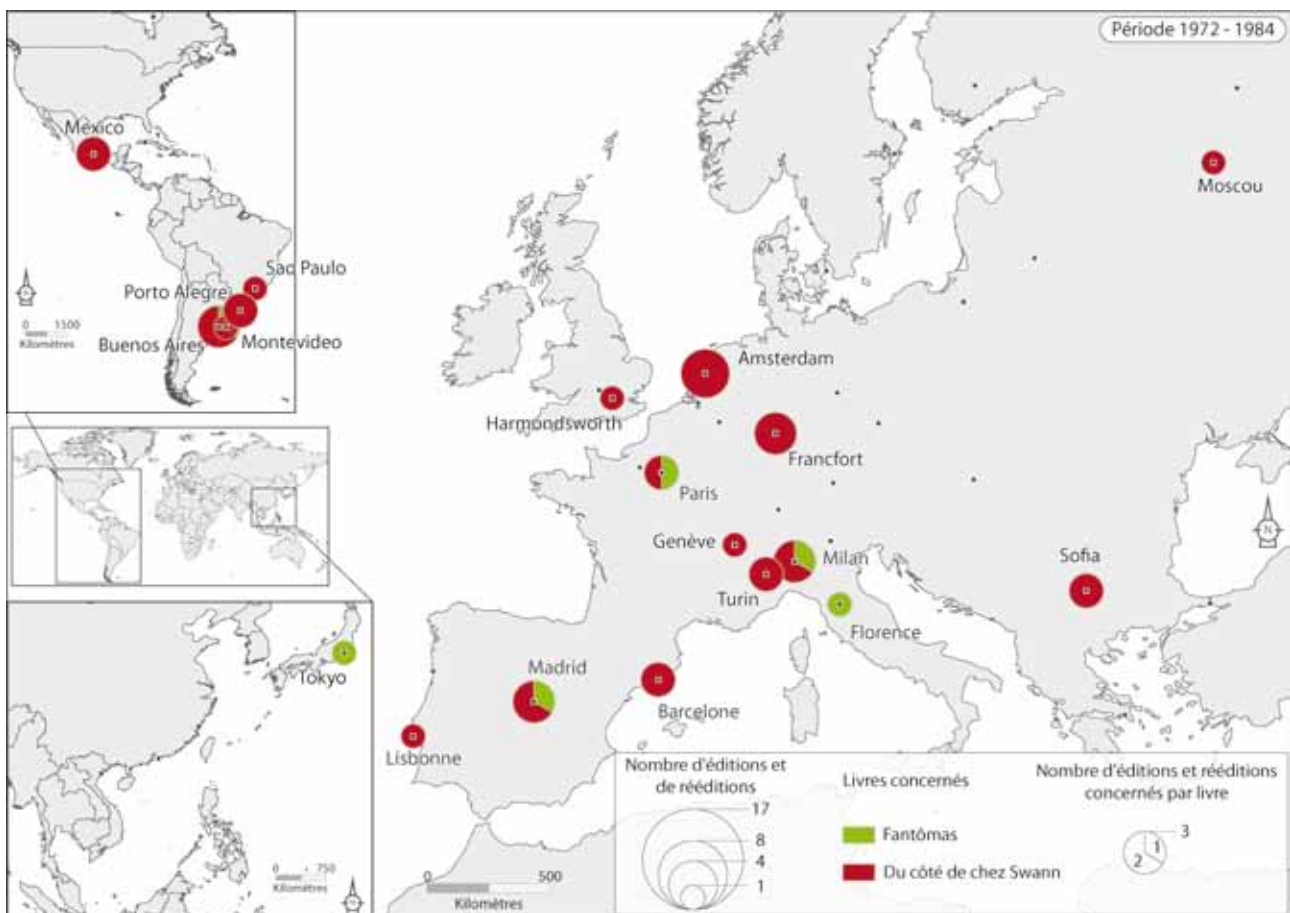
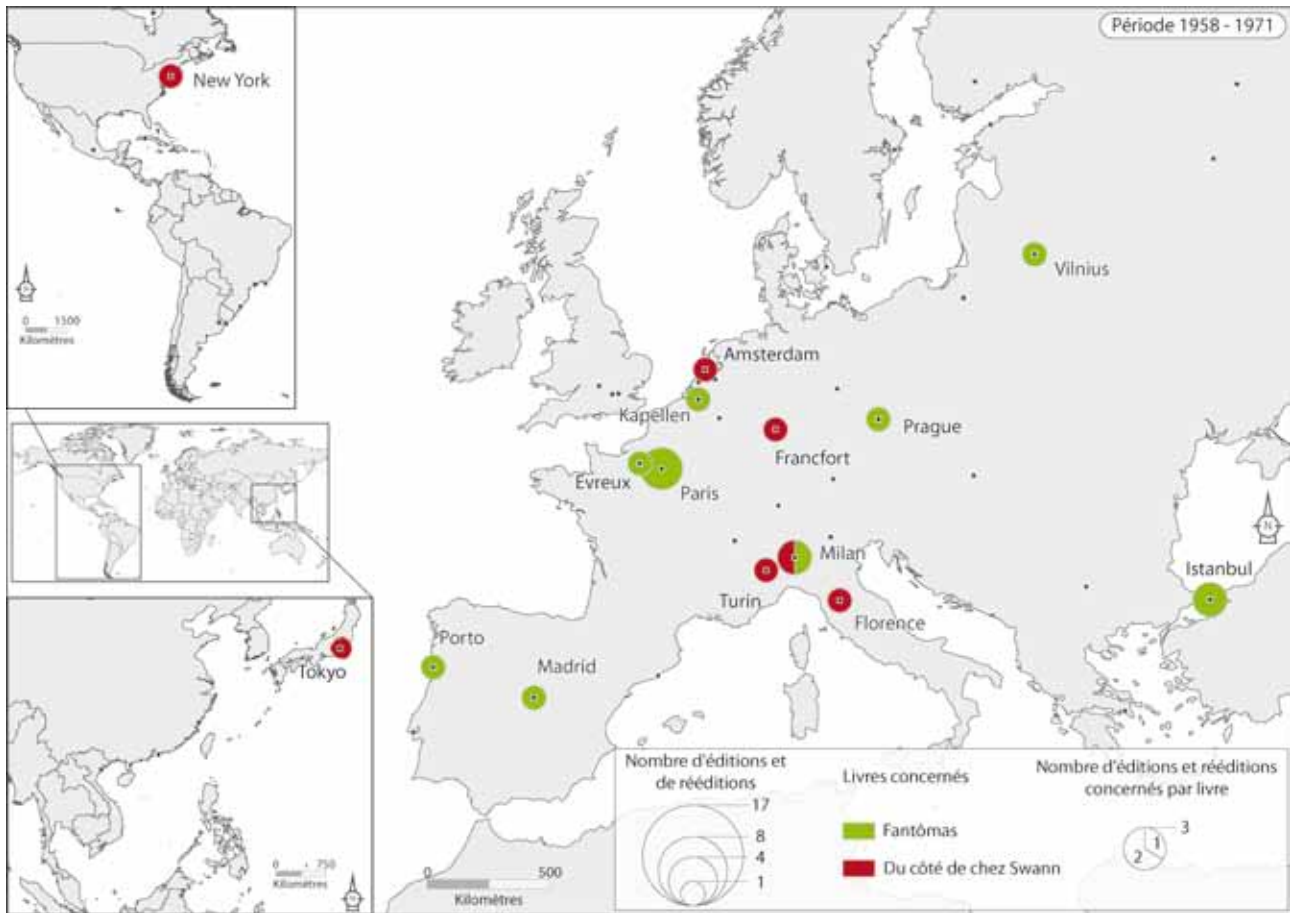
As adaptações cinematográficas (1913-1914 para a obra de Louis Feuillade e 1920-1921 para a versão norte-americana de Edgar Sedgwick) têm um papel determinante na difusão internacional do universo de *Fantômas* bem além das zonas que conhecem as traduções impressas. *Fantômas* está, dessa forma, presente nas telas de Moscou e também de Bombay nos anos de 1910, depois novamente em 1925.<sup>18</sup> Os filmes ajudam na difusão dos livros, que são anunciados e criticados nos jornais: é o caso do *Times of India* em 1916 e em 1918. Os arquivos permitem igualmente localizar numerosos espetáculos encenados, que prolongam ainda mais a difusão da obra. Para uma adaptação teatral autorizada na França, temos antes de 1915 uma peça na Itália assim como um musical na Espanha, depois um outro na Inglaterra. Essa disseminação rápida da obra popular é emblemática das mutações importantes pelas quais passam as indústrias culturais na Europa. Do ponto de vista da edição, elas se caracterizam por uma ofensiva em termos de baixa de preços para concorrer com os livreiros especializados em saldos, um recurso massivo à publicidade nos jornais e via cartazes, por uma política de encomenda junto aos autores e por um processo de contratação, que permite consolidar os “currais” de romancistas, com contratos restritivos. As colaborações com os editores estrangeiros e, a partir dos anos de 1910, com as companhias cinematográficas que adaptam doravante as “novidades”, depois de ter esgotado o estoque dos clássicos, tornam-se, também, moeda corrente.

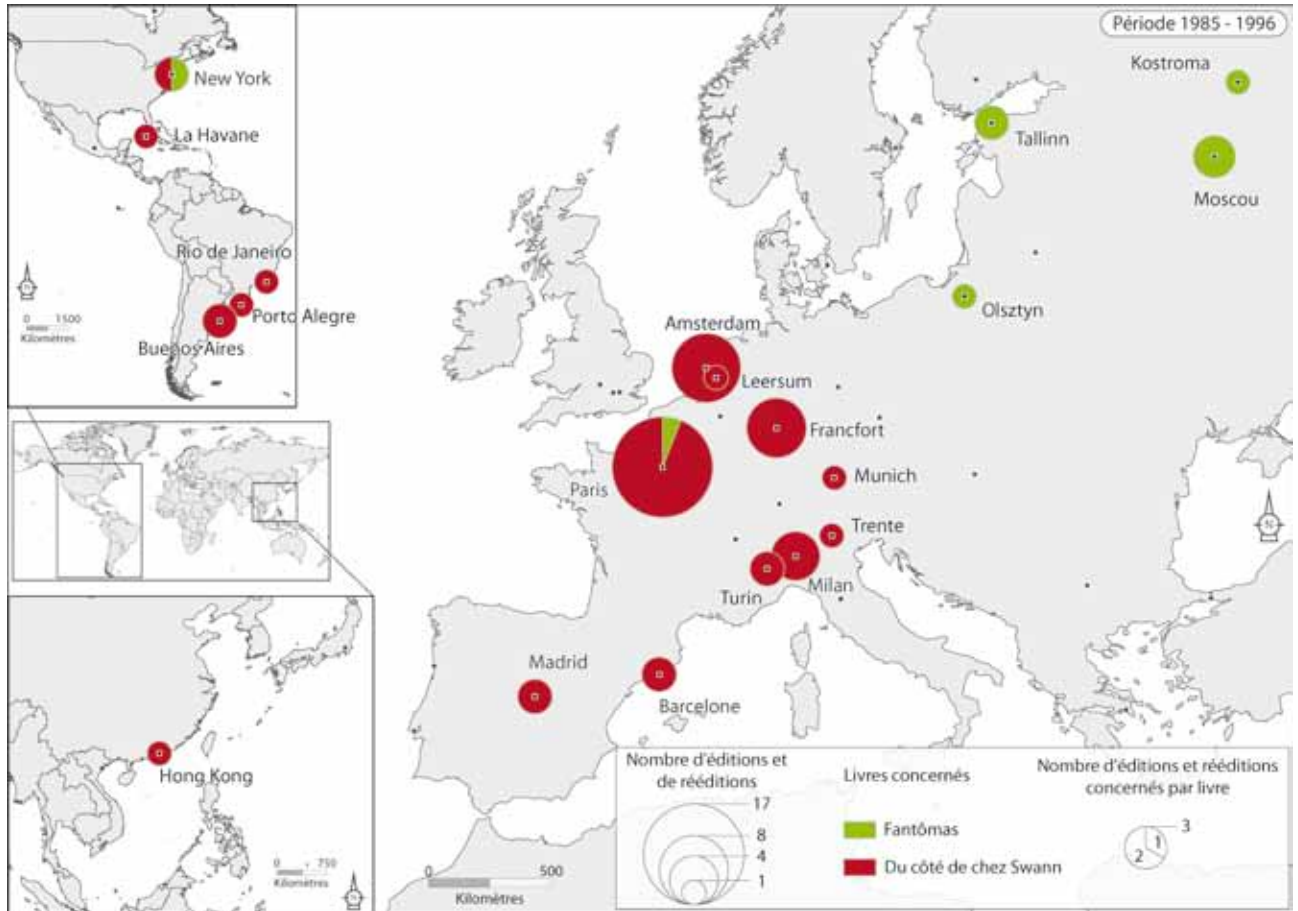
## O tempo longo da canonização literária

Esse frenesi transmidiático não acontece com *Swann*. A princípio editado às custas do autor, a obra deve sua difusão a fatores exógenos. O reconhecimento de Marcel Proust como escritor maior só será concreto depois da Primeira Guerra Mundial, quanto o autor recebe o prêmio Goncourt (1919). Ela é reforçada pela publicação de *La recherche* na Pléiade nos anos de 1950, e em seguida pela ascensão dos estudos críticos dedicados à obra. No estrangeiro, ela chega às elites culturais por intermédio das revistas. Na América Hispânica, é depois da atribuição do Goncourt em 1920, que se toma conhecimento do autor, por meio de correspondentes na Europa ou pela publicação de papéis já publicados sobre o Velho Continente.<sup>19</sup>









Mapas 2-6. A difusão mundial de *Fantômas* e *Du côté de chez Swann*, por meio de suas traduções e reedições, edições originais e suas traduções: 1921-1937, 1938-1953, 1954-1971, 1972-1984, 1985-1996

Os mapas 2 a 6 ilustram os esquemas diferentes de disseminação no espaço e no tempo. No início rápida, a difusão do *Fantômas* em volumes é, em seguida cadenciada, ligada às suas adaptações para o cinema, que se tornam seu principal vetor. É assim que se compreende seu retorno no período 1958-1971, marcado por três adaptações que encontram um grande sucesso popular na Europa. A obra, por outro lado, dá origem a produtos que apenas se inspiram no texto, que o aclimatam ou tendem a modernizá-lo. Depois de ter ganho as principais capitais culturais, que são também os principais locais de edição (Paris, Londres, Nova Iorque), *Fantômas* os deserta em parte e se fixa principalmente na Bacia Mediterrânea, onde a figura é retomada, reatualizada.<sup>20</sup> Essas mesmas capitais culturais são ocupadas pelas atividades de reedições das obras do início do século, não mais pelo *Fantômas* e as ficções populares, mas por romances constituindo um cânone legítimo. *Du côté de chez Swann*, que caiu em domínio público na França em 1989, satura os mapas dos últimos decênios estudados. À Leste, o relaxamento da censura sob a *perestroika* permite que a obra de Souvestre e Allain, junto com outras, seja publicada na URSS a partir de 1986.<sup>21</sup>

Com base no gráfico número 1, pode-se completar que as duas obras não se inscrevem da mesma maneira no imaginário coletivo. Nosso gráfico está baseado na utilização da ferramenta Google Ngram, que extraí os dados no hipertexto do corpus de língua francesa digitalizados por Google Inc. A ferramenta, atualmente baseada em um *corpus* global

<sup>20</sup> Ver ARTIAGA, Loïc. Matthieu Letourneux. *Fantômas! :* biographie d'un criminel imaginaire. Paris : Les Prairies ordinaires, 2013, cap. 3, assim como a exposição virtual *Fantômas et l'Européenne du crime*. Disponível em <<http://fantomas.popular-roots.eu/>>. Acesso em 9 set. 2013.

<sup>21</sup> SOKOLOGORSKY, Irène. Les lettres, les sciences et les arts dans la Russie d'aujourd'hui. *Hérodote*, 2002/1, n. 104.

<sup>22</sup> MICHEL, Jean-Baptiste *et al.* Quantitative Analysis of Culture Using Millions of Digitized Books. *Science*, 2011, v. 331, n. 6014.



Gráfico 1. Google N-Gram « *Fantômas* » e « *La Recherche du temps perdu* » (corpus em língua francesa, 1911-1995)

de 20 milhões de livros digitalizados, é possível de ser aperfeiçoada e só a utilizamos aqui como um indicador do que pode compor, em uma época dada, um imaginário social.<sup>22</sup> Permite mostrar, por um lado, as formas de esquecimentos e de reativações que afetam uma obra popular e, de outro, a lógica cumulativa que caracteriza uma obra do cânone. *Fantômas* “surgiu” em um imaginário coletivo ao gosto de suas adaptações cinematográficas, que explicam o sobressalto dos anos 1930 e o pico dos anos de 1960, ao passo que *La Recherche* segue uma curva ascendente, fortemente acelerada a partir dos anos de 1970 pela renovação dos estudos proustianos.

A exploração, com a mesma ferramenta, de corpos linguísticos diferentes leva a outros resultados.

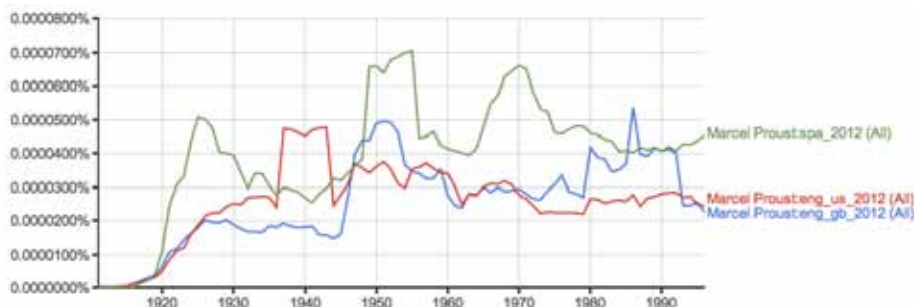


Gráfico 2. Google N-Gram « Marcel Proust » (1911-1995)

Perguntado sobre a frequência de citações do nome do autor Marcel Proust, vemos que o *corpus* britânico (azul), norte-americano (vermelho) e de língua espanhola (verde) são desta vez sensíveis ao ritmo das traduções em diferentes países, reafirmando, com uma ligeira defasagem para as publicações espanholas, os dados produzidos por nossos mapas. A sensibilidade ao mercado de edição parece portanto mais forte, o autor não representa evidentemente o mesmo papel nos imaginários nacionais dos espaços não francófonos.

### Onde o gênio do crime reaparece finalmente lá, onde não se esperava

A redução do nosso *corpus* a dois romances e às suas respectivas circulações tende a forçar os traços comumente atribuídos às obras populares e àquelas consideradas como pertencentes ao cânone: consumo rápido



contra a construção longa da legitimidade, multiplicação das adaptações contra o culto de uma obra “única”, público popular contra leitores das classes dominantes, etc. Seria útil confrontar nossos mapas, gráficos e análises às outras que trazem análises da *Belle Époque*, que se interessem especialmente pelas ficções inicialmente escritas em uma outra língua e pela maneira com que elas atravessam o século, tanto no espaço físico do globo quanto no espaço, este simbólico, do campo literário. Esse tipo de comparações permite principalmente colocar em destaque o modo com que diferentes competições culturais aparecem no início do século XX. Como fazem Jean-Marc Leveratto (para o teatro) e Jacques Portes (para o cinema), que esclareceram a retração espacial das obras populares francesas depois da Primeira Guerra Mundial, em benefício daquelas produzidas no mundo anglo-saxão.<sup>23</sup>

É uma escala mais europeia do que mundial que nossos objetos nos conduziram para considerar aqui, a despeito da advertência formulada por Emily Apter em *Against world literature* e retomado na nossa introdução. Outros *corpus* permitiriam certamente esclarecer os mecanismos operando em espaços mais amplos. Entretanto, como afirma Christophe Charle, “a história global não é a história de um mundo acabado, é a exploração de novos mundos invisíveis”.<sup>24</sup> Nosso estudo, mesmo limitado, permitiu iluminar uma parte de extraordinária efervescência transmidiática e transnacional das ficções de grande consumo, as quais a história literária não consegue dar conta. Contudo, Apollinaire e depois os surrealistas já haviam assinalado o quanto as ficções populares e especialmente *Fantômas*, escapavam às lógicas usuais do campo literário, precisamente construído sobre sua rejeição. Para Apollinaire, a leitura da obra de Souvestre e Allain representava assim “uma ocupação poética do mais alto interesse”.<sup>25</sup> Havia nessa afirmação uma forma reivindicada de subversão, uma maneira de reverter as hierarquias estéticas admitidas pela crítica. Nossos mapas, baseados em dados bibliográficos, não podem mostrar tudo e faltam aqui os numerosos artistas que souberam tirar partido da grande plasticidade das aventuras do “Gênio do crime” e as reempregaram em obras novas – poemas, obras pictóricas e, rápido, em filmes experimentais. A notoriedade residual de *Fantômas* nos países anglo-saxões deve muito a essas reapropriações. Certamente o sucesso das adaptações cinematográficas dos anos de 1960 foi bem menor que em outros lugares. *Fantômas*, o popular, é atualmente essencialmente visto nos Estados Unidos na National gallery of Art de Washington, onde cinco milhões de visitantes anuais podem contemplar o *Fantômas* (1915) de Juan Gris, ao passo que Proust suscita desde os anos 1980 adaptações para o cinema, televisão e quadrinhos.<sup>26</sup> *Swann*, e sobretudo *Fantômas*, podem ser considerados como sobreviventes do “grande massacre literário” que, para Franco Moretti, relega aos cemitérios da história 99% das ficções escritas – como *Sexton Blake*, *Tom Shark*, *Sherlock Holmes*, *The World Detective* ou ainda *Zigomar* e o *Docteur Cornélius* para a França dos anos 1910 – transformando a história literária em uma história do cânone literário.<sup>27</sup> Se isso ocorre graças a encaminhamentos diferentes, o estudo de suas circulações mostra, todavia, processos complexos, autorizando, no interior de um mercado mundial das Letras, travessias de uma parte a outra da fronteira da legitimidade cultural, que ainda é, apesar de tudo, tão vigiada.



Artigo recebido em julho de 2014. Aprovado em setembro de 2014.

<sup>23</sup> LEVERATTO, Jean-Marc. Le théâtre français à New York (1880-1917). In : YON, Jean-Claude (dir.). *Le théâtre français à l'étranger au XIX<sup>e</sup> siècle : histoire d'une suprématie culturelle*. Paris : Nouveau Monde Editions, 2008, e PORTES, Jacques. L'horizon américain. In : RIOUX, Jean-Pierre et SIRI-NELLI, Jean-François (dir.). *La culture de masse en France de la Belle Époque à aujourd'hui*. Paris : Fayard, 2002.

<sup>24</sup> CHARLE, Christophe. Préface. In : MAUREL, Chloé (dir.). *Essais d'histoire globale*. Paris : l'Harmattan, 2013.

<sup>25</sup> APOLLINAIRE, Guillaume. *Fantômas*. *Mercur de France*, 16 jul. 1914.

<sup>26</sup> CHARTIER, Anne-Marie. Proust en bande dessinée. *Hermès*, 2009/2, n. 54.

<sup>27</sup> MORETTI, Franco. *Distant Reading*. Londres/New York, Verso, 2013.

